

AS FLORES PARA O CHÁ

Um momento diante de uma chávena de chá, na terra do sol nascente, é um hábito que transcende o simples saborear daquele creme verde, dos momentos cerimoniais que o antecedem e precedem, que na língua nativa se designa por Chanoyu. O acto de preparar uma refeição, pintar um quadro através da arte do Sumi-e, também designada por suiboku-ga, compor um poema na sua estrutura tão simples e bela designada por Haiku, realizar a cerimónia do incenso, tão pouco conhecida no ocidente que se designa por Koh-Do, desenhar um kanji através da caligrafia (Shodo) ou colocar as flores nos recipientes na belíssima arte zen designada por Ikebana, todos estes instantes revestem-se de uma importância que ao longo dos séculos se foram desenvolvendo e que a certo momento, no prefácio do livro “Zen e a arte do caminho das flores”, podemos antever.

“Se se fizesse arte pela arte e esta não conduzisse a algo de mais essencial e profundo, se a arte não estivesse equiparada a algo espiritual, os japoneses não dariam valor à sua aprendizagem.” Daisetsu T. Suzuki

Actividades aprimoradas e ritualizadas a um nível nunca antes visto, transcenderam-se e elevaram-se ao nível de artes. Foram primeiramente da responsabilidade dos monges budistas, depois actividades da nobreza ociosa passando pelos guerreiros samurais que perante a perspectiva de uma morte violenta em combate procuravam o consolo e tranquilidade necessária nas artes, hoje no entanto qualquer dos simples mortais pode usufruir destas vias de meditação, de expressão artística ou de simples passatempo.

O Chabana (flores para o chá) é uma forma de arranjo de flores intimamente ligada à cerimónia do chá, ou Chakai, o encontro para o chá, e que se encontrava estrategicamente colocada na sala de chá, no tokonoma, local de referência dentro das casas japonesas e que, para este caso concreto, a casa de chá, possui diversas designações a que no entanto aqui iremos somente referir como “chatei”.

Rodearmo-nos de beleza num momento tão importante da nossa vida como é uma refeição, instante tão frequentemente desprezado e banalizado pela pressa moderna e pela



incapacidade de sentir para além da matéria, será sem dúvida um tempero adicional para os sentidos e para o espírito. Porque não ter a flôr presente? Alimentamos o corpo e o espírito porque ambos são as duas faces de uma mesma moeda – o ser humano.

O Ikebana, a arte que produz, através das flores, momentos de poesia na forma de arranjos florais, que engloba o Chabana, é uma arte que os mitos colocam a sua origem em um momento de compaixão de Buda, e que se desenvolveu ao ponto de hoje existirem mais de duas mil escolas diferentes, com suas regras próprias. Profundamente enraizada na tradição do Japão é irmã de outras artes. A sua primeira divulgação no ocidente efectuou-se através de um arquitecto britânico, Josiah Conder, que foi para o Japão ensinar arquitectura, nos finais do século XIX e que se apaixonou pelas formas e subtilezas desta arte. Hoje espalhada pelo mundo perdeu o seu cariz religioso budistas mas ganhou com o surgimento de formas novas. Arte que leva anos a desenvolver, nunca se termina a sua aprendizagem, diz quem a conhece. As flores na sua singeleza têm muito a nos ensinar.

Antes de terminar, uma pequena história.

Certa vez Hideyoshi¹ chamou o Mestre Rikyu² à sua presença. Havia diante dele um cântaro dourado cheio de água, e ao lado estava um solitário galho de ameixoeira vermelha, em flôr. “Faça um arranjo!” ordenou Hideyoshi. Sem vacilar sem um segundo sequer, Rikyu ajoelhou-se, pegou o galho com uma mão e, com a outra, arrancou todas as flores, de modo a que as pétalas caíssem sobre a superfície da água. As pétalas e os botões flutuando sobre a água, eram de indescritível beleza. Até Hideyoshi exclamou, com grande admiração: “Eu estava querendo ver o meu Rikyu com expressão preocupada – mas seu rosto permanece imperturbável!”

No 28º dia do segundo mês de 1591, Rikyu pôs fim à própria vida, cometendo seppuku³, o suicídio dos cavalheiros, que Hideoyoshi lhe havia imposto.

¹ Hideyoshi Toyotomi. – Daymyo (senhor da guerra) foi um dos obreiros da unificação do Japão.

² Soeki Rikyu – Mestre da cerimónia do chá e de Ikebana

³ Popularmente conhecido por harakiri



Concluindo. Hoje no ocidente, o oriente dos orientais, vamos frequentemente buscar a estas artes a beleza que, tão estranhamente esquecido, também temos exemplares, não com a estética e com as influências budistas, taoistas e confucionistas, mas que são também dignas de admiração mas isso será motivo para outro texto.

Referências:

O Zen na arte da cerimónia do Chá - Horst Hammitzsch

The flowers of Japan and the art of floral arrangement - Josiah Conder

O livro do chá - Okakuro Kakuzo

O culto do chá - Wenceslau de Moraes

Zen e a arte do caminho das flores - Gusty L. Herrigel

<http://www.bugei.pt>

<http://ikebanapt.weebly.com>

LUIS M V SANTOS